

Três formas históricas do imperialismo russo

Zbigniew Marcin Kowalewski

A anexação da Crimeia em 2014 antecipou alguns movimentos posteriores da Rússia em relação à Ucrânia, que em fevereiro de 2022 se transformariam em uma invasão pura e simples. Pensar as dinâmicas do imperialismo russo ao longo de sua história permite entender a crise atual para além de seus elementos conjunturais e de sua história recente.

Sergey Nikolsky, filósofo da cultura russo, diz que talvez a ideia mais importante para os russos «desde a queda de Bizâncio até agora seja a ideia do império e o fato de que somos uma nação imperial». E prossegue:

Sempre soubemos que vivemos em um país cuja história é uma cadeia

ininterrupta de expansão territorial, conquista, anexação, defesa de poses, perdas temporárias e novas conquistas. A ideia do império era uma das mais preciosas de nossa bagagem ideológica, e foi isso que proclamamos perante as demais nações. Com isso surpreendemos, deleitamos ou enlouquecemos o resto do mundo.

Zbigniew Marcin Kowalewski: na década de 1980 foi membro da direção regional do sindicato Solidarność em Lodz. É autor de várias obras sobre a história da questão nacional ucraniana, publicadas, entre outros, pela Academia Nacional de Ciências da Ucrânia. É subeditor da edição polonesa do *Le Monde diplomatique*.

Palavras-chave: colonialismo interno, descolonização, imperialismo, Rússia, Ucrânia.

Nota: a versão original deste artigo foi publicada na edição polonesa de *Le Monde diplomatique*, 11/2014, após a anexação russa da Crimeia. Sua análise das formas do imperialismo russo joga luz sobre a invasão da Ucrânia de fevereiro de 2022. Reproduzimos, com leves ajustes, a tradução do inglês da revista *Viento Sur*. Tradução de Eduardo Szklarz.

A primeira e mais importante característica do império russo sempre foi, diz Nikolsky, «a maximização da expansão territorial em prol de seus interesses econômicos e políticos, como um dos grandes princípios da política do Estado»¹. Essa expansão foi o resultado do predomínio permanente e avassalador do desenvolvimento extensivo da Rússia sobre seu desenvolvimento intensivo: o predomínio da exploração absoluta dos produtores diretos sobre sua exploração relativa, ou seja, aquela baseada no aumento da produtividade do trabalho.

«O império russo era chamado de ‘prisão de povos’. Hoje sabemos que não é apenas o Estado dos Romanov que merece essa descrição», escreveu Mikhail Pokrovsky, o mais destacado historiador bolchevique. Demonstrou que o Grão-Ducado de Moscou (1263-1547) e o Czarismo russo (1547-1721) já eram «prisões de povos» e que esses Estados foram construídos sobre os cadáveres dos inorodtsy, os povos indígenas não russos. «É duvidoso que o fato de que 80% do sangue que corre nas veias dos grã-russos provenha desses povos seja de algum consolo para os sobreviventes. Somente a destruição completa da opressão imperial russa por aquela força que lutou e continua

lutando contra toda opressão poderia ser uma forma de compensação por tudo o que sofreram»². Essas palavras de Pokrovsky foram publicadas em 1933, pouco depois de sua morte e pouco antes de que, por ordem de Stálin, fosse substituída, na formulação histórica bolchevique, «Rússia, prisão de povos», «Rússia» por «czarismo». O regime stalinista apressou-se então em descrever o trabalho científico de Pokrovsky como uma «concepção antimarxista» da história da Rússia³.

Imperialismo militar feudal

Ao longo dos séculos, e até o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1991, os povos conquistados e anexados pela Rússia sofreram três formas sucessivas de dominação imperialista. O «imperialismo militar feudal», como Lênin o chamou, foi a primeira. É de bom alvitre recordar o modo de exploração predominante naquele período: feudal ou tributário, ou também, como propõe Yuri Semyonov, «politocrático»⁴. Esse debate foi agora trazido à tona por Alexander Etkind com suas pesquisas mais recentes. Elas indicam que naquela época predominavam os modos

1. S.A. Nikolsky: «Rousskie kak imperski narod» em *Polititicheskaia Kontseptologia* Nº 1, 2014, pp. 42-43.

2. M.N. Pokrovsky: *Istoriticheskaia nauka i bor'ba klassov* vol. i, Sotsekizd, Moscou-Leningrado, 1933, p. 284.

3. A.M. Doubrovski: *Istoriik i vlast'*, Universidade Estatal, Briansk, 2005, pp. 238, 315-335.

4. Ver John F.F. Haldon: *The State and the Tributary Mode of Production*, Verso, Londres-Nova York, 1993; Y. Semionov: *Politarny ('aziatski') sposob proizvodstva: Souchtchnost' i mesto v istorii tchelovetches-tva i Rossii*, Librokom, Moscou, 2011.

de exploração coloniais: «O império russo era um grande sistema colonial tanto em suas fronteiras distantes como em suas profundezas obscuras, (...) um império colonial como o da Grã-Bretanha ou da Áustria, e um território colonizado como o Congo ou as Índias Ocidentais». A questão é que, «ao se expandir para espaços enormes, a Rússia colonizou seu próprio povo. Foi um processo de colonização interna, a colonização secundária do próprio território».

Por essa razão, diz Etkind, temos que «entender o imperialismo russo como um assunto interno, não apenas externo»⁵. A escravidão – generalizada por lei em 1649 – tinha ali um caráter tão colonial quanto a escravidão de negros nos Estados Unidos, mas também afetava camponeses da Grande Rússia e outros que o czarismo considerava «russos»: os da Pequena Rússia (ucranianos) e os bielorrussos. Etkind chama a atenção para o fato de que mesmo na Grande Rússia as sublevações camponesas tiveram um caráter anticolonial. Também lembra que as guerras com as quais o império esmagou essas revoltas foram guerras coloniais. Paradoxalmente, o centro imperial da Rússia era ao mesmo tempo uma periferia colonial interna, dentro da qual a exploração e a opressão das massas populares eram mais intensas

do que em muitas periferias conquistadas e anexadas.

Quando surgiu o «imperialismo capitalista do último tipo», Lênin escreveu que o império czarista estava «enredado, por assim dizer, numa rede particularmente densa de relações pré-capitalistas», tão densa que «em geral, na Rússia predomina o imperialismo militar feudal». Portanto, escreveu, «na Rússia o monopólio do poder militar, o imenso território e as facilidades especiais para saquear os povos indígenas não russos, a China etc., em parte complementam e em parte substituem o monopólio do capital financeiro moderno em nossa época»⁶. Ao mesmo tempo, sendo a menos desenvolvida das seis maiores potências imperialistas, não passava de um subimperialismo. Como afirmou Trotsky,

A Rússia pagou assim o direito de ser aliada dos países avançados, de importar capital e pagar juros, ou seja, basicamente o direito de ser uma colônia privilegiada de seus aliados, mas ao mesmo tempo adquiriu o direito de oprimir e saquear a Turquia, a Pérsia, a Galícia e, em geral, os países mais fracos e atrasados do que ela. O imperialismo bífido da burguesia russa tinha, no fundo, o caráter de uma agência de outras potências mundiais mais poderosas.⁷

5. A. Etkind: *Internal Colonization: Russian Imperial Experience*, Polity Press, Cambridge-Malden, 2011, pp. 23-24, 26, 251.

6. V.I. Lenin: *Polnoe sobranie sochinenii*, Politicheskoi Literatury, Moscou, 1969-1973, vol. xxvi, p. 318; vol. xxvii, p. 378; vol. xxx, p. 174.

7. Leon Trotsky: *History of the Russian Revolution*, Haymarket, Chicago, 2008, p. 13. [Há uma edição em português: *História da Revolução Russa*, LeBooks, s./l., 2020].

Não há descolonização sem separação

Foi precisamente o poderoso monopólio extraeconômico mencionado por Lênin que garantiu a continuidade do imperialismo russo após a derrubada do capitalismo na Rússia depois da Revolução de Outubro. Ao contrário do que Lênin havia declarado anteriormente, no sentido de que a revolução socialista garantiria a independência das colônias, de fato apenas se separaram da Rússia as colônias que não foram alcançadas pela expansão da revolução ou aquelas que a rejeitaram. Em muitas regiões periféricas, essa expansão teve o caráter de uma «revolução colonial» liderada por colonos e soldados russos sem a participação dos povos oprimidos e inclusive mantendo de fato as relações coloniais existentes. Georgy Safarov descreveu esse tipo de processo vivido pela revolução no Turquestão⁸. Em outras regiões, ocorreu na forma de conquista militar, e alguns bolcheviques, como Mikhail Tukhachevsky, rapidamente improvisaram uma teoria militarista da «revolução feita de fora»⁹.

A história da Rússia soviética desmente a tese dos bolcheviques de que as relações de dominação colonial de alguns povos sobre outros desapareceriam com a queda do

capitalismo e que esses povos poderiam, ou mesmo deveriam, permanecer no marco de um único Estado. O «economicismo imperialista», que nega o direito dos povos à autodeterminação e se difundiu (embora criticado por Lênin) entre os bolcheviques russos, foi uma manifestação extrema desse fenômeno.

Na realidade, é correto exatamente o contrário: a separação estatal de um povo oprimido é uma condição necessária para a destruição das relações coloniais, embora não a garanta. Vasyl Shakhrai, ativista bolchevique da revolução ucraniana, já entendia isso em 1918, quando discutiu publicamente com Lênin sobre essa questão¹⁰. Muitos outros comunistas não russos também entenderam isso na época, notadamente o líder da revolução dos tártaros, Mirsaid Sultan Galiev, o primeiro comunista a ser afastado da vida política pública a mando de Stálin, em 1923.

Na realidade, o imperialismo baseado em monopólios extraeconômicos que Lênin mencionou se autorreproduziu de muitas maneiras, de forma espontânea e despercebida, mesmo quando perdeu sua base especificamente capitalista.

Assim, como Trotsky demonstraria, na década de 1920 Stálin «tornou-se o vetor da opressão burocrática grã-russa» e rapidamente «garantiu vantagens para

8. G. Safarov: *Kolonialnaïa revoloutsia: Opyt Turkestana*, Gosizdat, Moscou, 1921.

9. M. Tujachevsky: «Revolution from Without» em *New Left Review* vol. 1 Nº 55, 5-6/1969.

10. Serhii Mazlakh e Vasyl Shakhrai: *On the Current Situation in the Ukraine*, org. Peter J. Potichnyj, University of Michigan Press, Ann Arbor, 1970.

o imperialismo burocrático grã-russo»¹¹. Com o estabelecimento do regime stalinista, restaurou-se a dominação imperialista da Rússia sobre todos aqueles povos anteriormente conquistados e colonizados que permaneceram dentro das fronteiras da URSS, onde representavam metade da população, e sobre os novos protetorados, Mongólia e Tuva.

A ascensão do imperialismo burocrático

Essa restauração foi acompanhada por violência policial assassina e inclusive de verdadeiros genocídios: o extermínio por fome conhecido na Ucrânia como Holodomor e no Cazaquistão como Shasandy Asharshylyk (1932-1933). Lideranças e intelectuais bolcheviques autóctones foram exterminados, e a russificação intensiva foi posta em marcha. Populações e minorias nacionais inteiras foram deportadas (a primeira grande deportação em 1937 foi a dos coreanos que viviam no Extremo Oriente soviético). O colonialismo interno se expandiu mais uma vez, e «a mais terrível dessas práticas foi a exploração dos prisioneiros do gulag, que pode ser descrita como uma forma extrema de colonização interna»¹². Do mesmo modo que na época do czarismo, a emigração da população russa e russófona para as

periferias acalmou tensões e crises socioeconômicas na Rússia, garantindo nesse processo a russificação das repúblicas periféricas. Superpovoado, empobrecido e assolado pela fome após a coletivização forçada, o mundo rural russo exportou maciçamente mão de obra para os novos centros industriais nas margens da URSS. Ao mesmo tempo, as autoridades impediram a migração da população local não russa do campo para as cidades.

A divisão colonial do trabalho distorceu e retardou o desenvolvimento e, em alguns casos, até transformou repúblicas e regiões periféricas em fontes de matérias-primas e zonas de monocultura. Isso foi acompanhado por uma divisão colonial entre a cidade e o campo, o trabalho manual e o trabalho intelectual, qualificado e não qualificado, bem ou mal remunerado, além de uma estratificação igualmente colonial da burocracia estatal, da classe trabalhadora e de sociedades inteiras. Essas divisões e estratificações garantiram aos russos étnicos e aos indivíduos russificados uma posição social privilegiada no que diz respeito ao acesso à renda, qualificação, prestígio e poder nas repúblicas periféricas. O reconhecimento da «russianidade» étnica ou linguística na forma de «salário público e psicológico» – um conceito emprestado por David Roediger de W.E.B. du Bois e aplicado em seus estudos sobre a classe trabalhadora

11. L. Trotsky: *Stalin II*, Lenizdat, São Petersburgo, 2007, p. 189.

12. A. Etkind, D. Uffelmann e I. Kukulin (eds.): *Tam, vnutri: Praktiki vnutrennei kolonizatsii v kulturnoi istorii Rossii*, Novoe Literaturnoe Obozreniie, Moscou, 2012, p. 29.

branca estadunidense¹³ – tornou-se um importante meio de dominação imperialista da Rússia ou de construção de uma «russianidade» imperialista dentro da própria classe trabalhadora soviética.

Na Segunda Guerra Mundial, a participação da burocracia stalinista na luta por uma nova divisão do mundo foi uma extensão da política imperialista nacional. Durante e após a disputa, a URSS recuperou muito do que a Rússia havia perdido após a Revolução e também conquistou novos territórios. Sua extensão territorial cresceu 1,2 milhão de quilômetros quadrados, chegando a 22,4 milhões de quilômetros quadrados. Após a guerra, o território da URSS era 700.000 quilômetros quadrados maior que o do império czarista quando estava prestes a entrar em colapso, e 1,3 milhão de quilômetros quadrados menor que a extensão do império no apogeu de sua expansão: em 1866, logo após a conquista do Turquestão e pouco antes da venda do Alasca.

A luta por uma nova divisão do mundo

Na Europa, a URSS anexou as regiões ocidentais da Bielorrússia e da Ucrânia, a Ucrânia dos Cárpatos, a Bessarábia, a Lituânia, a Letônia, a Estônia,

partes da Prússia Oriental e a Finlândia, e na Ásia, Tuva e as ilhas Curilas do sul. Passou a controlar toda a Europa oriental e pretendeu que a Líbia se submetesse à sua tutela. Tentou impor um protetorado sobre duas grandes províncias fronteiriças chinesas, Xinyiang e Manchúria. Além disso, tentou anexar o norte do Irã e a parte oriental da Turquia, baseando-se no desejo de libertação e unificação de muitas populações locais. Segundo o historiador azerbaijano Jamil Hasanli, a Guerra Fria começou na Ásia e não na Europa, especificamente em 1945¹⁴.

«O caráter parasitário da burocracia se manifesta, assim que as condições políticas permitem, na forma de pilhagem imperialista», escreveu na época Jean van Heijenoort, ex-secretário de Trotsky e futuro historiador da lógica matemática. «O aparecimento de traços imperialistas implica que a teoria de que a URSS é um Estado operário degenerado deve ser revista? Não necessariamente. A burocracia soviética se nutre em geral da apropriação do trabalho alheio, e há algum tempo reconhecemos esse fato como algo inerente à degeneração do Estado operário. O imperialismo burocrático nada mais é do que uma forma particular dessa apropriação»¹⁵. Os comunistas iugoslavos logo se convenceram de que

13. Ver D.R. Roediger: *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class*, Verso, Londres-Nova York, 2007.

14. J. Hasanli: *At the Dawn of the Cold War: The Soviet-American Crisis over Iranian Azerbaijan, 1941-1946*, Rowman & Littlefield, Lanham-Nova York, 2006; J. Hasanli: *Stalin and the Turkish Crisis of the Cold War, 1945-1953*, Lexington Books, Lanham-Nova York, 2011.

15. D. Logan [J. van Heijenoort]: «The Eruption of Bureaucratic Imperialism» em *The New International* vol. xii Nº 3, 1946, pp. 74 e 76.

Moscou «queria subordinar totalmente a economia da Iugoslávia e transformá-la em um mero complemento para fornecer matérias-primas à URSS, o que impediria a industrialização e prejudicaria o desenvolvimento socialista do país»¹⁶. As «empresas conjuntas» soviético-iugoslavas estavam destinadas a monopolizar a exploração dos recursos naturais da Iugoslávia necessários à indústria soviética. O comércio desigual entre os dois países garantiria lucros extraordinários à economia soviética à custa da economia iugoslava.

Após o rompimento da Iugoslávia com Stálin, Josip Broz Tito declarou que desde o pacto Molotov-Ribbentrop (1939), e especialmente após a conferência dos «três grandes» em Teerã (1943), a URSS participa da distribuição imperialista do mundo e «avança conscientemente na velha via czarista do expansionismo imperialista». Também disse que «a teoria dos líderes dentro de um Estado multinacional», proclamada por Stálin, «não é outra coisa que a expressão do fato da subjugação, da opressão nacional e da pilhagem econômica dos outros povos e países pelo povo dirigente»¹⁷. Em 1958, Mao Tsé-Tung observou ironicamente numa discussão com Nikita Khrushchev: «Houve um homem chamado Stálin que tomou Port Arthur e transformou Xinjiang e Manchúria em semicolônias, e também criou qua-

tro empresas conjuntas. Estas foram todas as suas boas ações»¹⁸.

A URSS à beira do desmembramento

O imperialismo burocrático russo repousava sobre poderosos monopólios extraeconômicos, reforçados pelo poder totalitário e, portanto, era de caráter não econômico. Como resultado, mostrou-se muito fraco ou totalmente incapaz de executar os planos stalinistas de explorar os países satélites da Europa oriental e as regiões fronteiriças da China popular. Diante da crescente resistência nesses países, a burocracia moscovita teve que abandonar a ideia de «empresas conjuntas», do comércio desigual e da divisão colonial do trabalho que pretendia impor. Após a perda da Iugoslávia, a partir de 1948 foi gradualmente perdendo o controle político sobre a China e alguns outros países e teve que afrouxar seu domínio sobre outros.

Dentro da própria URSS, os monopólios extraeconômicos também se mostraram incapazes de garantir no longo prazo a dominação imperialista da Rússia sobre as principais repúblicas periféricas. A industrialização, a urbanização, o desenvolvimento da educação e, de modo mais geral, a modernização das periferias da URSS, assim como a crescente «nacionalização»

16. Vladimir Dedijer: *Novi prilozi za biografiju Josipa Broza Tita* vol. 1, Liburnija, Rijeka, 1981, p. 434.

17. J. Broz Tito: «H kritiki stalinizma» em *Časopis za Kritiko Znanosti, Domišljivo in Novo Antropologijo* vol. VIII Nº 39/40, 1980, pp. 157-164, 172-185.

18. V. M. Zubok: «The Mao-Khrushchev Conversations, 31 July-3 August 1958 and 2 October 1959» em *Cold War International History Project Bulletin* Nº 12-13, 2001, p. 254.

de sua classe trabalhadora, da elite intelectual e da própria burocracia, gradualmente começaram a alterar o equilíbrio de poder entre a Rússia e as repúblicas periféricas em favor destas últimas. O domínio de Moscou sobre elas foi se enfraquecendo, e a crescente crise do sistema acelerou o processo, que começou a desmembrar a URSS. As medidas do poder central para se opor a esse processo – como a derrubada do primeiro secretário do Partido Comunista da Ucrânia, Petro Shelest, em 1972, descrito como «nacionalista» pelo Kremlin – não conseguiram reverter a situação e nem sequer frear efetivamente o processo.

Durante a segunda metade da década de 1970, o jovem sociólogo soviético Frants Sheregi procurou observar a realidade da URSS à luz da «teoria marxista das classes, combinada com a teoria dos sistemas coloniais». Concluiu que «a extensão gradual da elite intelectual e da burocracia (serviço público) autóctones nas repúblicas não russas, o crescimento da classe trabalhadora – em suma, a formação de uma estrutura social mais progressista – levarão as repúblicas nacionais a se separar da URSS». Alguns anos depois, a pedido das mais altas autoridades do Partido Comunista da URSS (PCUS), analisou a situação social das equipes e jovens mobilizadas pelo Komsomol (juventude comunista) em todo o país com vistas à construção da ferrovia principal Baikal-Amur, a famosa «obra

do século». «Senti curiosidade», diz Sheregi, «pela contradição que descobri entre as informações sobre a composição internacional dos trabalhadores da construção, divulgadas com grande alarde pela propaganda oficial, e o alto grau de uniformidade nacional das brigadas de trabalhadores que chegaram». Eram quase inteiramente formadas por pessoas etnicamente russas e de língua russa. «Então cheguei à conclusão inesperada de que os russos (e os russófonos) estavam sendo deslocados para fora das repúblicas nacionais» pelas chamadas nacionalidades titulares, como os cazaques no Cazaquistão. Isto foi confirmado nos estudos que realizou sobre dois outros grandes projetos na Rússia:

O governo central sabia disso e participou do reassentamento de colonos russos financiando «projetos de engenharia de choque». Assim concluí que, devido ao esgotamento dos fundos sociais das repúblicas nacionais, havia escassez de postos de trabalho, mesmo para os representantes das nacionalidades titulares para as quais existiam garantias sociais (creches, colônias de férias, hospitais, oportunidades de obtenção de moradia); esse tipo de situação pode gerar antagonismos interétnicos, de modo que as autoridades gradualmente «repatriavam» os jovens russos que vivem nas repúblicas nacionais. Então percebi que a URSS estava prestes a implodir.¹⁹

19. B. Doktorov: «Sheregi F.E.: Togda ia prishel k vyvodu: sssr stoit pered raspadom» em *Teleskop: Zhurnal Sotsiologicheskikh i Marketingovykh Issledovaniï* vol. 5 Nº 65, 2007, pp. 10-11.

Império militar-colonial

A crise do regime burocrático soviético e do imperialismo russo foi tão profunda que, para a surpresa de todos, a URSS entrou em colapso em 1991, não apenas sem que houvesse uma guerra mundial, mas também sem nem sequer uma guerra civil. A Rússia perdeu suas periferias externas, pois 14 repúblicas não russas da União a abandonaram e proclamaram sua independência: todas aquelas que tinham esse direito segundo a Constituição soviética. Isso implicou uma perda de território – algo sem precedentes na história russa – de uma área total de 5,3 milhões de quilômetros quadrados. No entanto, como apontou Boris Rodoman, um eminente cientista que criou a escola russa de geografia teórica, hoje a Rússia continua sendo «um império militar-colonial que se mantém ao preço de um desperdício desenfreado de recursos biológicos e humanos, um país de desenvolvimento extensivo em que o uso extremamente dispendioso da terra e da natureza é habitual em seu funcionamento».

Neste terreno, bem como no que diz respeito «à migração das populações, às relações mútuas entre os grupos étnicos, entre a população local e os migrantes nas várias regiões, entre as autoridades estatais e o público, as características ‘clássicas’ do colonialismo continuam vivas, como no passado»²⁰.

A Rússia continua sendo um estado plurinacional composto por 21 repúblicas com uma população não russa que abrangem quase 30% do seu território. Rodoman escreve que «em nosso país temos um grupo étnico que leva seu nome e fornece a língua oficial [russo], além de muitos outros grupos étnicos; alguns destes gozam de autonomia nacional-territorial, mas não têm o direito de abandonar esta pseudofederação [russa], isto é, não têm outra escolha a não ser permanecer nela».

Restauração do imperialismo capitalista

A restauração do capitalismo na Rússia complementou em parte e substituiu os monopólios extraeconômicos, enfraquecidos e amputados, após o desmembramento da URSS, por um poderoso monopólio financeiro ligado ao aparato do Estado. O imperialismo russo, reconstruído a partir desta base, continua sendo um fenômeno inextricavelmente interno e externo operando em ambos os lados das fronteiras do país, que uma vez mais começam a ser móveis. As autoridades russas construíram uma megaempresa estatal que detém o monopólio da colonização interna da Sibéria oriental e do Extremo Oriente russo. Essas regiões possuem depósitos de petróleo e outros minerais.

20. B.B. Rodoman: «Vnoutrenny kolonializm v sovremennoï Rossii» em Tatiana Zaslavskaya (org.): *Kouda idet Rossiia? Sotsialnaïa transformatsiia postsovetskogo prostranstva*, Aspekt-Press, Moscou, 1996, p. 94, e «Strana permanentnogo kolonializma» em *Zdravy Smysl* vol. 1 Nº 50, 2008/2009, p. 38.

Gozam de acesso privilegiado aos novos mercados globais na China e no Hemisfério Ocidental.

É possível que essas duas regiões compartilhem o destino da Sibéria ocidental. «O centro federal reserva para si quase toda a receita da Sibéria ocidental obtida com a venda de petróleo, sem alocar fundos para a região nem mesmo para a construção de estradas normais», escreveu o jornalista russo Artem Yefimov há alguns anos. «O problema, como sempre, não é a colonização, mas o colonialismo», pois «é a exploração econômica e não a melhoria e o desenvolvimento do território que a referida empresa procura. (...) Basicamente admite-se que no país, no mais alto nível do Estado,

reina o colonialismo. A semelhança desta empresa com a Companhia das Índias Orientais e outras empresas coloniais europeias dos séculos XVII a XIX é tão evidente que poderia até ser engraçada»²¹.

Em 2013, a revolta maciça de ucranianos na Praça Maidan de Kiev, que culminaria com a derrubada do regime de Viktor Yanukovich, foi uma tentativa da Ucrânia de romper definitivamente a relação colonial que historicamente a vinculava à Rússia. Não podemos entender a atual crise na Ucrânia – a anexação da Crimeia, a rebelião separatista em Donbass e a agressão russa contra a Ucrânia – se não entendermos que a Rússia continua sendo uma potência imperialista. ☒

21. A. Yefimov: «Ost-Rossiiskaia kompaniia» em *Lenta.ru*, 23/4/2012.